

19 MARÇO 1984 — Nº 12  
ANO XXXIII — Cr\$ 1.800,00

# visão

Documento  
OS VOLUNTÁRIOS  
DA MORTE



## O ÚLTIMO RECURSO?

Preço em Manaus — Santarém — Rio Branco — Alzmir — Boa Vista — Macapá — Porto Velho — Ji-Paraná — Vilhena — Sinop — Alta Floresta: Cr\$ 2.350,00

LOTHAR CHAROUX

## Um ilustre esquecido

*Aos 72 anos, um artista inquieto e polêmico. Sua única "culpa": não faz o menor esforço para ser reconhecido.*

Na imprensa, seu nome já não circula com a frequência de outros tempos. Nem as galerias de arte programam exposições de suas obras, cujo valor no mercado continua alto. Também não lhe são prestadas homenagens públicas nem se assiste a qualquer gesto de reconhecimento a sua contribuição às artes plásticas brasileiras. Em seu atelier no Alto da Lapa, bairro classe média de São Paulo, Lothar Charoux não parece preocupado com nada disso.

"Espero a morte criando."

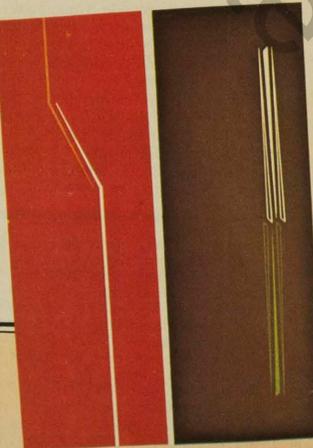
O corpo já curvado pela idade, gestos firmes e afáveis, cabelos brancos e raros, um semblante sereno que não oculta certa tristeza no olhar. Aos 72 anos, austríaco de nascimento — nasceu em Viena, no dia 5 de fevereiro — e brasileiro por opção e direito, o pintor Lothar Charoux chegou ao Brasil em 1928, com 16 anos. Era então um jovem imigrante igual a tantos outros, sem profissão definida mas cheio de disposição para o trabalho e o sonho de vencer na nova terra. Veio para o Brasil um pouco por acaso.

"Minha mãe era costureira de uma companhia teatral austríaca que no início do século excursionou pelo Brasil, especialmente por Santa Catarina. Um dia, em Viena, recebi uma carta de minha mãe que me convidava a conhecer o Brasil. Imediatamente arrumei as malas, peguei um navio e aqui estou."

Nos primeiros tempos, não foram poucas as dificuldades. A maior delas era com o idioma — "eu não conhecia sequer uma palavra em português". Decidido a ficar no Brasil, Lothar Charoux começou a dedicar-se a ver jornais. E, aliando as palavras às ilustrações, foi aos poucos aprendendo o seu significado e a falar a nova língua. Hoje, mais de meio século depois, não lhe sobram sequer tropeços de sotaque.

**Figurativo** — Até que pudesse dedicar-se às artes plásticas, Charoux ganhou a vida como pôde. Fazendo biscates, vendendo artigos diversos e até arriscando uma carreira malsucedida de hoteleiro. Nas horas vagas, poucas, tomava gosto pela pintura. Em 1942 expôs pela primeira vez no Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos, em São Paulo. Começaram os elogios e, também, as críticas.

A essa altura, Lothar Charoux já é aluno de Waldemar da Costa (que morreu esquecido em Curitiba, no ano passado) no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, do qual se tornaria professor. Seu primeiro prêmio viria em 1949, no 1º Salão Baiano de Belas-Artes. Novos elogios e muitas críticas. Alguns jornais de Salvador não perdoam os caminhos incomuns do artista. Um crítico baiano escreveu: "Gostaria que nos esclarecesse, comprovadamente, onde começa e onde termina a arte do Sr. Lothar". A questões como essa, o artista nunca se preocupou em responder. Nem se abala quando Ondina Bueno, com quem se casou há quarenta anos, chama a sua atenção:



Do figurativo à "minimal-art", o longo caminho que conduziu à descoberta da simplicidade

### ENTRE A LINHA E A LUZ

Há em Lothar Charoux um típico problema de repercussão e ressonâncias. Estas últimas dispersam-se nos diferentes planos de nossa vida, espalhando-se pelo mundo. Na ressonância, ouvimos o que se diz do poema visual de Lothar. E temos a clara convicção de que Charoux seria um dos maiores artistas da *minimal-art* (arte com o mínimo de elementos), se visse em Nova Iorque. No Brasil, anda esquecido; no mundo, desconhecido por ser artista do Terceiro Mundo. A repercussão de Lothar Charoux é o aprofundamento de sua própria existência através dos

outros, aqueles que lhe admiram a obra. Ele nasceu na Austría, mas é artista brasileiro. Desde 1955, abandonou o expressionismo figurativo para buscar formas livres e puras da geometria. Tornou-se um construtivo da luminosidade, sempre incorrendo nas

novos rumos, de novas expressões. E, de um jeito ou de outro, participei de todos os movimentos de vanguarda. O que acho da vanguarda? Qualquer manifestação artística vale."

**Sem ortodoxia** — As paredes da ampla residência no Alto da Lapa estão abarrotadas de pinturas e desenhos. Nos cantos repousam algumas esculturas. Da fase impressionista de Charoux, um retrato da artista plástica Maria Leontina, realizado em 1945, e um retrato do publicitário Ítalo Éboli, com data de 1947. De todas as fases e experiências, entretanto, a mais importante segundo o próprio artista é a atual, a geométrica, que já dura no mínimo vinte anos. Nas linhas, duas constantes: a emoção do traço e a busca da perfeição na forma.

"O que faço é emocionante e vibrante", afirma Lothar Charoux. "Com poucos elementos, quero chegar a melhores resultados, causar maiores impactos. Não sou ortodoxo. Com cores simples, primárias, busco efeitos vibratórios, além de dar, no meu trabalho, a idéia constante de movimento, de dinamismo."

Desde que tomou gosto pela pintura,

relações da linha e dos efeitos ópticos que produz no falível olho humano. As ilusões ópticas foram, pois, um período de sua obra, com suas poéticas vibrações, realizadas com os meios de expressão mais econômicos possíveis. A linha encontra sua linguagem na virtualidade de elementos simplificados e muito bem estruturados. Acrescenta-se a isso tudo uma intensa luminosidade com que caminha essa linha ideográfica e teremos Lothar Charoux de corpo inteiro. A simplicidade é a grande dificuldade do artista. Charoux conseguiu simplificar sua arte com a sabedoria da linha e da luz. • **Alberto Beutenmüller**



Lothar Charoux tem um só objetivo na pintura: "Com poucos elementos, chegar aos melhores resultados"

na, nos anos 40, Charoux jamais pensou em parar, em descansar. A vida é que vale; ele diz, "isso por pior que seja a vida". A morte? "Um fato que tem de ser aceito. Por isso, não se deve ter medo da morte." Essa serenidade é que talvez explique o homem simples que é Charoux, um dos nomes mais importantes das artes brasileiras, presente em diversas publicações e enciclopédias, no Brasil e no exterior. Como explicar, então, o quase esquecimento em que ele se encontra? Também para isso Lothar Charoux não procura resposta, sequer aos que o catalogam entre os "malditos". Alguma mágoa?

"Não, nenhuma", ele responde ensaiando um sorriso. "A culpa disso talvez seja minha, pois não me empenhei o suficiente para que lembrassem da minha ilustre pessoa."

O artista sabe ironizar. E prossegue:

"Há poucos críticos de arte no Brasil. E eles têm as suas opiniões próprias. Mesmo assim, o pouco que escreveram sobre mim, escreveram bem, favoravelmente. Por isso eu não tenho do que me queixar."

**Caminho árduo** — A imagem de "maldito" talvez seja exagerada para Lothar Charoux. No entanto, ele mesmo reconhece que, à primeira vis-

ta, sua obra é difícil de ser aceita e compreendida:

"Eu me propus realizar um tipo de criatividade e dele nunca me afastei. Aos poucos, acho que estou impondo o que faço. O caminho é árduo, mas isso não me assusta nem me deixa desanimado. Procuro depurar cada vez mais as linhas e formas"

Admite que o público que gosta da arte geométrica ainda é muito pequeno, "relativamente pequeno", e que a preferência continua pela pintura figurativa — "mas isso é questão de tempo". Inabalável, Charoux se preocupa apenas com o seu trabalho. Sem nenhuma exposição prevista para seus quadros, ele agora se dedica a pequenas esculturas giratórias, que têm por base seus desenhos geométricos fundidos em poliéster. E faz algumas experiências em azulejos — "mas acho que não vão dar certo, porque os azulejos apresentam falhas de fábrica". Para levar adiante essas experiências, ele precisa de alguém que as patrocine. Mas não perde noites de sono por isso, nem interrompe seus projetos. Quem perde, por esquecer Lothar Charoux, certamente não é ele. E disso esse austríaco de alma tão brasileira deve saber. Ainda que seu sorriso, quase ironia, insista em esconder. □